

**O timbre do ciborgue: som e música na
construção de identidades
(des)humanizadas no cinema de ficção
científica *ciberpunk***

André Malhado

(CESEM-NOVA, Portugal)

-

No cinema de ficção científica *ciberpunk*, o ícone do ciborgue é uma figura fundamental porque encerra em si temas relacionados com a tecnofobia. Em várias destas obras, o timbre que muitos ciborgues emitem quando comunicam é humanizado através de uma musicalidade agradável ao ouvido, usando diálogos gravados por um actor, a que são aplicados filtros electrónicos. Assim, a sua “voz” torna-se familiar, mas no caso de a obra ter como géneros complementares o terror e o mistério, a música procura contradizer esse sentimento de tranquilidade, fornecendo um contexto que provoca estranheza, através de técnicas de escrita musical como a dissonância, e parâmetros como a intensidade sonora. Nesta comunicação procura-se explorar os casos *The Machine* (2013, James), *Ex Machina* (2014, Garland), *The Manual* (2017, Magness) e *I Am Mother* (2019, Sputore), onde são usados personagens ciborgues, com o objectivo de demonstrar que, por um lado, o timbre da sua voz humaniza-as, mas, por outro, a música continua a inscrevê-los em contextos de inquietação e desumanização, favoráveis às narrativas distópicas e alienantes. Para o efeito, parte-se dos *trailers* dos filmes onde, através de alguns segundos de material audiovisual promocional, introduz-se a personagem de forma ambígua e complexa, usando a música com a função de criar tensão dramática, suspense e conduzir o espectador à percepção de que a voz humanizada destas personagens pode servir para ocultar uma identidade perversa ou implacável.